
O duplo condicionamento – tensivo e retórico – das estruturas elementares da significação*

Claude Zilberberg**

Tradução de Renata Mancini*** e Ivã Carlos Lopes****

Resumo: Tendo por referência o modelo do "percurso gerativo do sentido" (A. J. Greimas), este artigo discute, em primeiro lugar, a possibilidade de reinterpretar suas chamadas "estruturas elementares" não apenas em termos de uma inspiração "lógica", na continuidade da tradição aristotélica, nem tampouco de uma inspiração "fonológica", apoiada nos trabalhos do Círculo linguístico de Praga, mas, radicalizando as intuições dos linguistas dinamarqueses, em uma direção topologizante, que (i) concede aos termos confrontados a deformabilidade que lhes falta nas interpretações anteriores, e (ii) dando a primazia epistemológica ao complexo, leva a repensar os valores como posições em um fluxo, havendo "menores" ou "maiores" intervalos a separá-los. Tais cifras infracategoriais de "menos" e "mais" são lidas, enfim, como um convite à retorização da semiótica, pois a retórica tropológica, que sempre trabalhou sobre a dimensão do discurso e sempre se interessou pelas intensificações de seus efeitos, pode trazer ricos esclarecimentos a esse ponto teórico.

Palavras-Chave: complexidade; estrutura; extensidade; intensidade; retórica; tensividade.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.183935>.

O presente texto de Claude Zilberberg (1938-2018) foi publicado originalmente em francês com o título "Le double conditionnement – tensif et rhétorique – des structures élémentaires de la signification", na obra *La transversalité du sens* (Alonso; Bertrand; Costantini; Dambrine, 2006). Agradecemos aos organizadores pela amável autorização para a publicação desta tradução na revista *Estudos Semióticos*.

** Séminaire Intersémiotique de Paris, France. Website pessoal: www.claudezilberberg.org.

*** Docente do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: renata.mancini@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9813-6157>.

**** Docente do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. E-mail: lopesic@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0153-1949>.

1. Preliminares

O discurso científico – ou, melhor dizendo, orientado para o científico – não escapa ao dilema comum: abertura ou fechamento? Abertura, isto é, trânsito, passagem de um campo a outro, transposição, transcodificação, nos termos do prefácio de *Sobre o Sentido I*, de Greimas; ou fechamento, compartimentação, irreducibilidade, aqui prevalecendo as condições, lá os princípios. O tópico levantado faz lembrar o velho mote que consiste em decidir se uma garrafa está cheia pela metade ou vazia pela metade. Se as estruturas elementares da significação estivessem devidamente estabelecidas e validadas, elas deveriam manifestar-se como universais, e o problema da transversalidade do sentido não seria mais que uma questão de tempo ou, o que dá na mesma, de paciência. Inversamente, se a transversalidade do sentido segue sendo um requisito, é porque, em maior ou menor medida, as estruturas elementares da significação – sobre as quais a semiótica pensou ter o dever de apoiar-se – dissimulavam alguma insuficiência, quer em suas premissas, quer em suas consequências.

A transversalidade que examinaremos aqui é, para usar uma expressão de Genette, uma transversalidade "restrita". Nela consideraremos a semiótica greimasiana das décadas de 1960-70 (dado que trataremos das estruturas elementares da significação), o ponto de vista tensivo (que, por enquanto, é apenas um ponto de vista) e um setor da retórica tropológica, que apresenta duas inestimáveis vantagens cuja interdependência já não é bem compreendida pela doxa de hoje: a antiguidade e a eficácia. Clarividente, Valéry sublinha o frescor, a juventude intacta da retórica no seguinte trecho:

A retórica antiga via como ornamentos e artifícios aquelas figuras e relações que os refinamentos subsequentes da poesia terminaram impondo como o essencial de seu objeto, e que o avanço da análise, um dia, acabará demonstrando serem efeitos de propriedades profundas, ou daquilo que poderíamos chamar de *sensibilidade formal*. (Valéry, 1960, p. 551)

Esse fragmento propõe à reflexão três temas ligados à noção de transversalidade:

- (i) se determinados dados se mostram como trans-históricos, isso se deve à lentidão que os sustenta;
- (ii) em continuidade com o ponto precedente, a poesia tem "também" por conteúdo o conhecimento das operações semânticas que a tornam possível;

(iii) por fim, essas operações, que não podemos ignorar, acenam com uma complexidade geradora, a "sensibilidade formal", a qual proporciona, conforme o ponto de vista escolhido, formas "afetadoras" e afetos "enformados".

O destino da transversalidade é indissociável daquele que se reserva à metalinguagem. Tudo indica que a atenção dispensada aos dois componentes deste último lexema é desigual: ao componente "meta-" costuma-se conceder certo privilégio em face do componente "linguagem", o que, sem dúvida, traz problemas. Lembremos, antes de mais nada, que a metalinguagem é, ou deveria ser, uma *co-linguagem*, uma linguagem compartilhada que fizesse com que, conversando, nos entendêssemos – mas não há como negar que estamos longe disso. Uma vez que a finalidade determina o conteúdo, a forma da metalinguagem deve, caso tenha esse objetivo, evocar a do dicionário, como recomendaram Hjelmslev e Greimas, aquele "imoderadamente"¹, este com sobriedade. Ora, não há mistério algum no que se exige de um dicionário: ele deve formular definições, ou seja, análises. Essas definições têm de estar rigorosamente associadas entre si, de modo que venham a compor um "sistema", segundo Hjelmslev, ou, segundo Greimas, um "percurso". Se o primeiro volume do *Dicionário de Semiótica* (Greimas; Courtés, 2008 [1979]) alcança esse objetivo, já não se pode afirmar o mesmo quanto ao volume 2 da obra (Greimas; Courtés, 1986). A experiência tem demonstrado, em seguida, que as definições se dividem em duas subclasses distintas: [morfologia vs. sintaxe] na terminologia tradicional, [sistema vs. processo] em Hjelmslev, [componente semântico vs. componente sintático] nos termos de Greimas, [estado vs. acontecimento] segundo o ponto de vista tensivo. Enfim, se a iniciativa for bem-sucedida, resultará numa gramática em que estarão expostas, talvez não regras absolutas, mas, pelo menos, regulações, como na obra de A. Riegl, *Gramática histórica das artes plásticas* (1978).

2. Síntese retrospectiva

Sem que o tenhamos planejado, nossa indagação se converte numa reflexão sobre o tempo, a saudade e a fatalidade da ingratidão. Um dos grandes avanços das décadas de 1960-70, as estruturas elementares da significação praticamente desapareceram das análises e das pesquisas. O quadrado semiótico, outrora a conclusão aguardada das análises, veio a conhecer um destino semelhante: quem ainda se arrisca a evocá-lo dá a impressão de não acreditar

¹ São os próprios termos utilizados por Hjelmslev: "Este modo de proceder através de definições extensivas parece dever contribuir para libertar a teoria da linguagem de axiomas específicos" (Hjelmslev, 2009, p. 26). [N. dos T.]: No original, Zilberberg emprega a expressão "avec outrance", remetendo ao termo adotado na versão francesa dos *Prolegômenos*, onde se lê: "Cette manière de procéder par définitions à outrance [...]".

nele ou de não acreditar mais nele. Dentro dos limites deste trabalho, tentaremos compreender o que ocorreu e, em homenagem àquilo que amamos um dia, procuraremos conferir a esse “resultado”, como recomenda Hjelmslev², uma juventude renovada.

Na época, se bem nos lembramos, a falha da "couraça" do quadrado residia na fragilidade das duas implicações [não $s_1 \rightarrow s_2$] e [não $s_2 \rightarrow s_1$] ou, para tomar um exemplo proposto por B. Pottier, na impossibilidade de passar de "não rico" a "pobre"; se, em alguns *corpora*, essa passagem era concebível, em outros soava artificial, de modo que a implicação ficava atualizada, porém não realizada. Mas talvez o xis da questão não estivesse aí, e sim na dificuldade de compreender por que, a partir das premissas estabelecidas, surgia essa impossibilidade – por que as chamadas operações "lógico-semânticas" permanecem imperfectivas? Todos pressentiam que esse ponto envolvia a aspectualidade, mas isso obrigaria a reconhecer que uma aspectualidade, provavelmente figural, prevalecia sobre o "lógico-semântico" ou o "lógico-fonológico", o que não era concebível na época, levando-se em conta a hierarquia explícita do percurso gerativo.

Essa não era a única falha. Herdado de Brøndal, o termo complexo estava presente na semântica fundamental, mas ausente da sintaxe do mesmo nível. Ninguém pensou, nem sequer “por hipótese”, em propor um algoritmo que permitisse ao fluxo do sentido passar pelos termos complexo ou neutro; salvo engano, o termo complexo não cumpria nem cumpre nenhum papel nas análises concretas. Observava-se, conseqüentemente, uma distorção entre o conteúdo e o uso.

Ademais, na época, as estruturas elementares da significação, em nome de um imanentismo severo e de uma leitura discutível de Saussure, eram declaradas "acrônicas". De fato, para os que conheceram a revolução saussuriana, esta consistiu, antes de mais nada, em afirmar duas linguísticas nitidamente distintas: a linguística sincrônica e a diacrônica³. Aqueles que se expressaram nesses termos negligenciaram uma atenuação formulada pelo próprio Saussure:

Mas seriam apenas os sons que se transformam com o tempo? As palavras mudam de significação, as categorias gramaticais evoluem; veem-se algumas desaparecer com as formas que

² Segundo Hjelmslev: “No campo científico, pode-se muito bem falar em resultados definitivos, mas dificilmente em pontos de vista definitivos. A linguística clássica do século XIX alcançou resultados definitivos acerca do parentesco genético das línguas. Eles constituem um dos aspectos essenciais da linguística. Mas nós os expomos aqui adaptando-os aos novos pontos de vista e posicionando-os numa perspectiva um pouco diferente daquela em que foram descobertos [...]”. Tradução nossa para o trecho original: « Dans le domaine scientifique, on peut très bien parler de résultats définitifs, mais guère de points de vue définitifs. La linguistique classique du XIX^{ème} siècle a obtenu des résultats définitifs concernant la parenté génétique des langues. Ils constituent un des aspects essentiels de la linguistique. Mais nous les exposons ici en les adaptant aux nouveaux points de vue et en les plaçant dans une perspective un peu différente de celle dans laquelle ils furent découverts ; [...] » (Hjelmslev, 1971, p. 27).

³ Nesse particular, é valiosa a contribuição de Cassirer. Ausente da *Filosofia das formas simbólicas*, o nome de Saussure aparece no *Ensaio sobre o homem*, muito embora apenas na qualidade de pai da distinção aqui mencionada.

serviam para expressá-las (por exemplo, o dual em latim). E, se todos os fatos de sincronia associativa e sintagmática têm uma história, como manter a distinção absoluta entre diacronia e sincronia? Isso se torna bem difícil, a partir do instante em que se sai da fonética pura. (Saussure, 1962, p. 194)⁴

E, justamente, o estruturalismo da década de 1970 generalizava o modelo fonológico que admitia essa ruptura, ou seja, estendia o modelo fonológico possivelmente "acrônico" para além dos limites em função dos quais tinha sido concebido.

Por fim, e por derivação da afirmativa anterior, o quadrado semiótico estava em falta consigo mesmo, pela incapacidade de opor os termos a si próprios: *A* opõe-se a *B*, mas muitos *corpora* demonstram, alguns mais que os outros, que em determinadas condições *A* vai opor-se a si próprio, *B* vai opor-se a si próprio! Eis a lição insinuada pelo aspecto. Em vez de promover o sincretismo dos conceitos de diferença e de oposição, seria preciso, ao contrário, distingui-los.

3. O condicionamento tensivo das estruturas elementares da significação

Com a passagem do tempo, a convocação do modelo fonológico foi se revelando duplamente criticável. A analogia entre o fonema e o lexema é superficial; as coerções estruturais que se exercem sobre o fonema nada têm a ver com as exercidas sobre o lexema. Tudo o que se pede aos fonemas é que difiram uns dos outros para que, por exemplo, a confusão entre "vaca" e "faca" em português seja evitada. No que diz respeito aos lexemas, o objetivo é, antes de tudo, reunir as condições semânticas que permitam aproximar harmoniosamente "vaca" e "faca". Desse ponto de vista, o equívoco é completo, pois para Saussure e Hjelmslev, cada qual a seu modo, o que deve ser emprestado da fonologia não é o fonema, mas o misterioso processo do qual ele participa: a silabação⁵.

Pensamos que os termos devem satisfazer a uma tripla demanda. Em primeiro lugar, devem ser *deformáveis*, como são, na linguística, a derivação e a flexão, que produzem séries. É em razão dessa deformabilidade que os termos se tornam oponíveis a si mesmos. Em segundo lugar, é necessário reabilitar a condicionalidade: as condições são inerentes à significação, como mostra a diferença entre o lexema e o semema, ou como assinala Hjelmslev em uma perspectiva mais abrangente: "A gramática geral é feita pelo reconhecimento dos

⁴ [N. dos T.] Para este trecho, recorremos à versão em francês.

⁵ Segundo Saussure: "[...] a silabação constitui, por assim dizer, o único fato que a Fonologia põe em jogo do início ao fim" (Saussure, 2006, p. 64).

fatos realizáveis e das condições imanentes para sua realização"⁶. Se, indo um pouco além na reflexão, nos indagarmos sobre a noção de estilo, é provável que tenhamos de questionar o próprio dualismo de princípios e condições. Por fim, caso precisemos decidir se o termo complexo deve ser concebido a partir do simples ou se o termo simples deve ser concebido a partir do complexo, optamos pela segunda resposta. Todos os termos são complexos, mas não o são da mesma maneira.

Dissemos que o termo complexo tem permanecido um intruso para a semiótica, mas o emprego dessa noção pressupõe um esclarecimento prévio, uma vez que a complexidade funciona, na maioria dos discursos atuais, como uma senha demasiado cômoda.

Salvo melhor juízo, identificamos quatro concepções de complexidade, que podemos distinguir da seguinte maneira:

(i) a complexidade discursiva ou mítica, que, por exemplo, a partir da classe dos deuses e dos humanos, produz semideuses, sem que ninguém estranhe. É essa a complexidade que está presente nos desenhos animados, que vivem a criar "monstros"; ao que tudo indica, ela também estaria na origem da condensação freudiana;

(ii) a complexidade de composição, que, a partir de uma triagem prévia, calcula uma mistura e supera uma heterogeneidade. É o modelo intuitivo do fonema, ou da receita culinária, que reúne, como a imagem poética segundo Reverdy, "realidades mais distantes ou menos". É, além disso, o modelo subjacente às colagens analisadas por A. Beyaert. Essa complexidade de composição caracteriza – e deprecia – o *fazer* humano para Valéry, quando comparado ao da natureza, que está sob o signo de uma indivisão *a quo*. Está no princípio da epistemologia de Hjelmslev: "Os 'objetos' do realismo ingênuo reduzem-se, então, a pontos de intersecção desses feixes de relacionamentos [...]. Os relacionamentos ou as dependências que o realismo ingênuo considera secundários e como pressupostos dos objetos tornam-se, para nós, essenciais: são a condição necessária para a existência de pontos de intersecção" (Hjelmslev, 2009, p. 28);

(iii) a complexidade de constituição, que resolve uma contrariedade, é necessária, na perspectiva greimasiana, para produzir, a partir dos contrários $[s_1]$ e $[s_2]$, o termo complexo $[s_1 + s_2]$ e, a partir dos subcontrários $[não-s_1]$ e $[não-s_2]$, o termo neutro $[não-s_1 + não-s_2]$.

⁶ Hjelmslev, L. "A estrutura morfológica", em *Ensaios Linguísticos*, São Paulo: Perspectiva, 1991, p. 147.

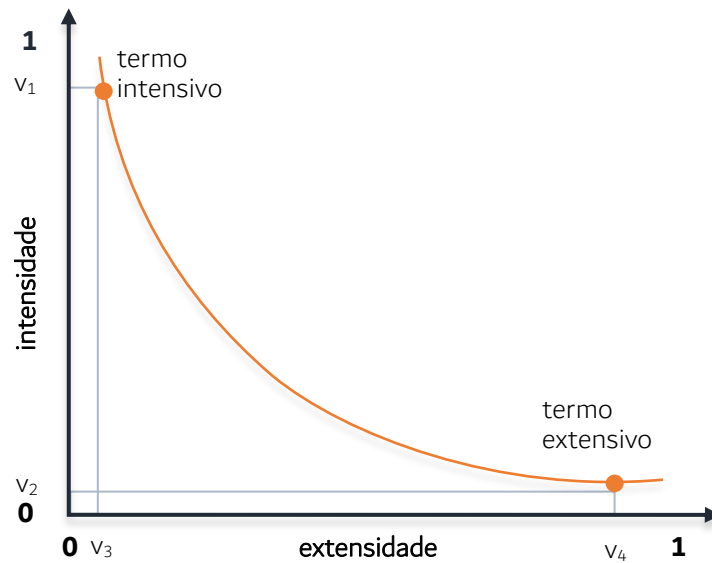
Os autores do *Dicionário de Semiótica*, com toda a honestidade, reconhecem que "o problema da geração de tais termos ainda não recebeu uma solução satisfatória." Para Hjelmslev, a estrutura elementar não é dirigida pela oposição, mas pela assimetria entre um termo intensivo localizado [s_1] e um termo extensivo estendido⁷ e, portanto, complexo [$s_1 + s_2$]. A teoria hjelmsleviana é explicitamente concebida para acomodar o "princípio de participação" caro a Lévy-Bruhl;

(iv) a complexidade de desenvolvimento, que diz respeito à interação das grandezas em contato. O modelo para Saussure é o da sílaba nos "Princípios de Fonologia" e nos *Escritos de Linguística Geral*, mais recentemente publicados. Essa quarta forma de complexidade é, se nos permitem, a que tem nossa preferência. Por várias razões: é um fato bem estabelecido na epistemologia que um intruso, quando se mostra resistente, irá tornar-se, na fase seguinte, um centro organizador. Esse tipo de complexidade está em sintonia com a interação das correlações conversas e inversas observadas nos estilos e formas de vida; ela reduz a distância ainda admitida entre a morfologia e a sintaxe. Acima de tudo, essa forma de complexidade alicerça essas operações capitais que são, para a semiótica, a análise e a definição: que mais podemos analisar senão a complexidade? Que fazemos nós além de propor análises? Que é uma "boa" definição senão o registro de uma análise? O primado epistêmico da definição assumido por Hjelmslev e Greimas designa a complexidade como resistência e, portanto, como objeto. Tais requisitos são cumpridos no primeiro tomo do *Dicionário de Semiótica*, o que está longe de ser o caso do segundo tomo da mesma obra. Se voltarmos por um momento ao plano de expressão, a complexidade do fonema é uma complexidade composicional, a da sílaba é uma complexidade de desenvolvimento.

Feitas essas ponderações, podemos reconsiderar as dificuldades que a proposta das estruturas elementares da significação encontrou. Em uma palavra, tentou-se fazer conviver em um *mesmo* espaço grandezas que ocupam espaços *distintos*. Quanto a nós, mantemos a distinção hjelmsleviana [intensivo vs. extensivo], mas pedindo-lhe – o que Hjelmslev nunca teria consentido – para assumir *também* a substância do conteúdo, isto é, as tensões de nossas vivências ou a foria, na abordagem greimasiana. Em uma representação ingênua:

⁷ De acordo com Hjelmslev (1972, p. 102): "Os termos do sistema (aqui, os casos) são ordenados de acordo com a *extensão* respectiva dos conceitos expressos e não de acordo com o *conteúdo* desses conceitos" (tradução nossa).

Figura 1



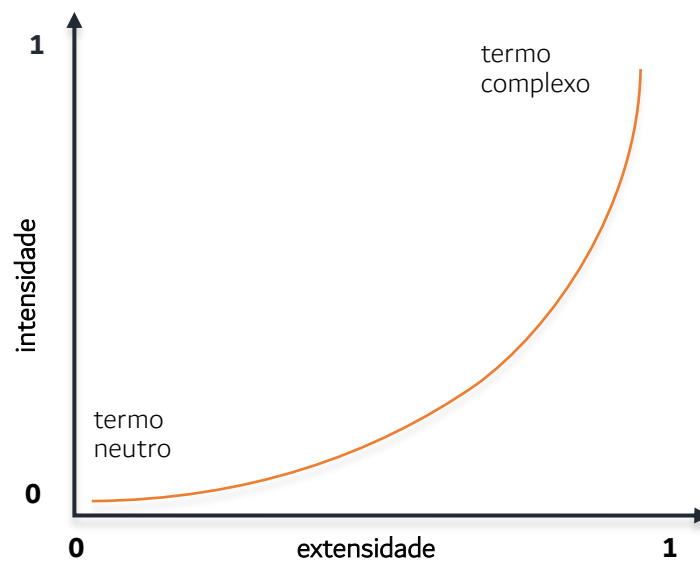
Fonte: Elaboração própria.

O diagrama sintetiza nossas propostas:

- (i) os termos intensivo e extensivo são complexos, mas de maneira simétrica e inversa: o termo intensivo é, por assim dizer, tônico e não muito extenso, portanto, concentrado, e o termo extensivo é átono, mas estendido;
- (ii) as valências $[v_1]$ e $[v_3]$ são as resultantes de uma análise e, como tal, constituem a definição do termo intensivo; o mesmo vale para as valências $[v_2]$ e $[v_4]$, em relação ao termo extensivo;
- (iii) os pares de valências $[v_1]$ e $[v_3]$, por um lado, $[v_2]$ e $[v_4]$, por outro, variam em razão inversa, como é de se esperar em uma complexidade de desenvolvimento consistente.

O caso dos termos complexo e neutro é bem diferente, uma vez que pressupõe uma relação conversas:

Figura 2



Fonte: Elaboração própria.

Por essa disposição se explica, em parte, a alergia da semiótica aos termos complexo e neutro, e sua incapacidade de chegar a um algoritmo plausível para abordá-los. As estruturas elementares da significação não são unas; se quisermos mantê-las, elas exigem não apenas um, mas dois espaços, e o salto de um espaço a outro, se ocorrer, terá o valor de um evento.

4. O condicionamento retórico das estruturas elementares da significação

Este segundo tópico dá continuidade ao anterior. Se considerarmos os termos intensivo e extensivo, devemos dizer que o primeiro é *mais* concentrado e *menos* estendido do que o segundo, características que se invertem para o termo extensivo. Esses dados são etapas de uma dinâmica acessível. Em outras palavras, a relação entre morfologia e sintaxe é a que existe entre uma operação explicada (sintaxe) e uma operação implicada (morfologia). Como para os objetos matemáticos comuns, a definição cifra uma regra de construção passível de formulação. Desse ponto de vista, um dos objetivos declarados de Hjelmslev é abolir a distinção entre morfologia e sintaxe:

somos forçados a introduzir considerações manifestamente *sintáticas* em *morfologia* – por exemplo, as categorias da preposição e da conjunção, cuja única razão de ser se encontra no sintagmático – e [a] ordenar na *sintaxe* fatos plenamente *morfológicos* –, reservando forçosamente à *sintaxe* a definição de

quase todas as formas que pretendemos ter reconhecido em morfologia.⁸

Nesse caso, a separação entre morfologia e sintaxe é apenas uma tradição acadêmica, uma conveniência. Por outro lado, no percurso gerativo de sentido, Greimas, embora estabelecendo pontes, mantém a distinção entre semântica e sintaxe.

A nosso ver, e sem ter a pretensão de esgotar um problema dessa envergadura, a questão se reduz ao seguinte: se a produção de uma grandeza é a recíproca de uma análise e se essa produção faz parte de sua definição, então a distinção entre semântica e sintaxe torna-se comparável ao intervalo temporal que separa a elaboração e a execução de uma operação. Se os termos são às vezes concentrados ou estendidos, às vezes tônicos ou átonos, formulamos a hipótese de que eles quantificam operações e há um "caminho", um ["from → to"] (metáforas que emprestamos dos *Cahiers* de Valéry), que permite passar de um termo a outro. Além disso, para observar o "princípio de empirismo", tema do terceiro capítulo dos *Prolegômenos*, tais operações devem se mostrar "o mais simples possível" (Hjelmslev, 2009, p. 22). Essas operações elementares, que permitem que os termos se oponham a si mesmos ao longo de um contínuo orientado, são o aumento e a diminuição. Ora, a metade tropológica da retórica, de "utilidade" universal, gira em torno da intensificação, da ênfase, da busca pelo impacto.

A obra *Tensão e Significação* introduziu as noções de ascendência e descendência, cada qual se opondo à outra, porém não a si mesma. Consideremos um simples *continuum* tendo por termos extremos $[s_1 \approx 1]$ e $[s_4 \approx 0]$. Sendo $[s_1]$ pensado ao mesmo tempo como termo e como intervalo – o que é lícito caso o conteúdo seja tributário da extensão –, o intervalo $[s_1 - s_2]$ corresponde a uma *atenuação* que se distancia da saturação e da plenitude; já o intervalo $[s_3 - s_4]$ corresponde a uma *minimização* que leva à nulidade. Por outro lado, se escolhermos $[s_4]$ como termo *a quo*, teremos primeiro o *restabelecimento* $[s_4 - s_3]$ e depois o *recrudescimento* $[s_2 - s_1]$. Logo, essas operações são simultaneamente translativas e juntivas.

⁸ HJELMESLEV, L. "A noção de recção", em *Ensaio Linguísticos*, São Paulo: Perspectiva, 1991, p. 162.

Tabela 1

descendência $[s_1 \Leftrightarrow s_4]$	atenuação \approx de s_1 a s_2 minimização \approx de s_3 a s_4
ascendência $[s_4 \Leftrightarrow s_1]$	restabelecimento \approx de s_4 a s_3 recrudescimento \approx de s_2 a s_1

Fonte: Elaboração própria.

Esse dispositivo, que aproxima o paradigmático e o sintagmático, ainda apresenta uma vantagem considerável: as passagens de $[s_1]$ a $[s_2]$, em seguida, de $[s_2]$ a $[s_3]$ e, finalmente, de $[s_3]$ a $[s_4]$ podem ser interpretadas como *recursivas*, como uma implementação da recursividade, na qual Greimas insistiu com frequência. Essa recursividade, que permite concentrar o concentrado, estender o estendido, aumentar o grande etc., torna-se o correspondente estrutural do superlativo-concessivo, da hipérbole e, é claro, do sublime, em qualquer sentido que o compreendamos.

5. Para concluir

O sentido é uma presa disputada pelas chamadas ciências humanas e pelos pontos de vista prevaletentes em um momento ou em outro. Vamos assistindo a uma série de confiscos do sentido por predadores que, à imagem dos conquistadores de antigamente, exercem sua dominação por algum tempo e depois cedem a vez a outros recém-chegados, mais jovens e impetuosos. A própria semiótica se apresentou, sucessivamente, como uma “logicização” do sentido e como uma “fonologização” que Hjelmslev já havia antevisto e criticado. Assumindo-se como uma narratividade generalizada, a semiótica veio mais tarde a conceder às modalidades e ao aspecto uma importância que suas premissas não previam. Nas chamadas ciências humanas, o sentido é reivindicado, ora pela psicanálise, ora pela sociologia de inspiração durkheimiana ora, ainda há pouco, pelo marxismo. Com a recente valorização da estesia, alguns semioticistas tendem a conceber uma “fenomenologização” do sentido e a dar adeus à maioria dos resultados pacientemente alcançados.

Como não é possível para a semiótica manter-se como disciplina autônoma (Greimas), autárquica ou “soberba” (Hjelmslev), adotamos diante desse “obscuro dilema” uma postura modesta, defendendo, de nossa parte, uma retorização da semiótica e, posteriormente, uma semiotização da retórica. Em primeiro lugar, se

os pesquisadores de ambos os campos produzimos e consumimos permanentemente discursos e, ocasionalmente, narrativas, a semiótica, ao contemplar a retórica, está “em casa”, já que a retórica é uma arte do discurso. Em segundo lugar, a retórica pode se vangloriar de uma longevidade, de uma “antiguidade” mais que respeitável, bem como, na opinião de destacados autores (Valéry, Jakobson, Lévi-Strauss, Barthes), de uma vivacidade intacta. Por fim, em virtude de sua perenidade, de sua sempre renovada vitalidade e também, quem sabe, de sua finitude, a retórica possui uma invejável dimensão transcultural, como revelam as denominações das suas figuras, quase sempre derivadas da língua grega. ●

Referências

- ALONSO, Juan ; BERTRAND, Denis ; COSTANTINI, Michel ; DAMBRINE, Sylvain (dir.). *La transversalité du sens. Parcours sémiotiques*. Saint-Denis : Presses Universitaires de Vincennes, 2006.
- CASSIRER, Ernst. *Filosofia das formas simbólicas 1*. Trad. Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASSIRER, Ernst. *Filosofia das formas simbólicas 2*. Trad. Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CASSIRER, Ernst. *Filosofia das formas simbólicas 3*. Trad. Eurides Avance de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994 [1944].
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Contexto, 2008 [1979].
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (dir.). *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, tome II. Paris: Hachette, 1986.
- HJELMSLEV, Louis. *Le langage*. Paris: Minuit, 1971.
- HJELMSLEV, Louis. *La catégorie des cas*. Munique: W. Fink, 1972.
- HJELMSLEV, Louis. *Ensaio Linguísticos*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo, Perspectiva, 1991.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2009 [1943].

RIEGL, Aloïs; PÄCHT, Otto. *Grammaire historique des arts plastiques: volonté artistique et vision du monde*. Trad. Éliane Kaufholz. Paris: Klincksieck, 1978 [1966].

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Paris : Payot, 1962 [1916].

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

VALÉRY, Paul. *Œuvres*, tome II. Paris: Gallimard / La Pléiade, 1960.

The double – tensive and rhetorical – conditioning of the elementary meaning structures

ZILBERBERG, Claude

Abstract: With reference to the model of the "generative process of meaning" (A. J. Greimas), this article tackles, in the first place, the possibility of reinterpreting its so-called "elementary structures" not only in terms of a "logical" inspiration, following the Aristotelian tradition, nor in terms of a "phonological" inspiration, supported by the works of the Prague Linguistic Circle, but in a way of radicalizing the Danish linguists' intuitions in a topologizing direction which (i) grants to the confronted terms the deformability that they lack in the previous interpretations, and (ii) giving epistemological primacy to the complex, leads to rethinking the values as positions in a flow, having "smaller" or "larger" intervals separating them. Such infra-categorical ciphers of "less" and "more" are taken, finally, as an invitation to bring together rhetoric and semiotics, since tropological rhetoric, which has always worked on the dimension of discourse and has always been interested in the intensifications of its effects, can shed light on this theoretical point.

Keywords: complexity; structure; extensity; intensity; rhetoric; tensivity.

Como citar este artigo

ZILBERBERG, Claude. O duplo condicionamento – tensivo e retórico – das estruturas elementares da significação. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 17, número 1. Trad. Renata Mancini e Ivã Carlos Lopes. São Paulo, abril de 2021. p. 47-58. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

ZILBERBERG, Claude. O duplo condicionamento – tensivo e retórico – das estruturas elementares da significação. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 17.1. Translated by Renata Mancini and Ivã Carlos Lopes. São Paulo, april 2021. p. 46-58. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 10/02/2021.

Data de aprovação do artigo: 13/03/2021.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

